

# Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — EDITOR: José Joubert Chaves

Assinatura para Portugal, colónias e Hespanha

Assinatura conjunta do Século, do Supplemento Humorístico do Século e da Illustração Portuguesa

Anno..... 4\$800  
Semestre..... 2\$400  
Trimestre..... 1\$200

PORTUGAL, COLÓNIAS E HESPAÑHA  
Anno..... 8\$000 | Trimestre..... 2\$000  
Semestre..... 4\$000 | Mez. (em Lisboa)..... 700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — Rua Formosa



## Summario

O BAILE INFANTIL NO THEATRÓ D. MARIA — O AZEITEIRO, poesia do sr. Eugenio de Castro — A LEGAÇÃO DE PORTUGAL EM ROMA, com 18 illust. — O CARNAVAL EM LISBOA, com 4 illust. — MUSA D'ENTRUDO, versos humorísticos do sr. Augusto Gil — O CARNAVAL DO PORTO E EM COIMBRA, com 9 illust. — MUSA D'ENTRUDO, versos humorísticos do sr. Augusto Gil — O CARNAVAL NA ESCOLA POLYTECHNICA, com 16 illust. — RECITA DE CARIDADE NO REAL CONSERVATORIO, com 8 illust.

Comprem as

*Sedas Suissas*

*Peçam as amostras das novas sedas, novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas:*

*Echizen, tafetás de lustro, Lousine para de dia, Musseline 120 cm. de largura desde fr. 1,50 e metro, em preto, branco, lila e fantasia, assim como blusas e vestidos em batiste bordado.*

*Vendem-se as novas sedas guardadas sólidas directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.*

**Schweizer & C.<sup>a</sup>**  
LUCERNE Z. 19 (SUISSA)  
Exportação de sedas

**COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO**

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Tem em deposito grande variedade de papeis de escriptura de impressão e de embrulho.

Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórmis

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaiia e Sobreirinho (Thomar) Penado e Casal d'Hermio (Lousã), Valle Maior (Albergaria a Velha.)

Instaladas para uma produção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

Lisboa — 270, Rua da Princesa, 276  
Porto — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO  
PRADO—PORTO—LISBOA: Numero de telephonio 208

Vende-se em todas as relojoarias



**CHRONOMETRO**



**ZENITH**

O melhor relógio em ouro, prata e aço. O unico que em dois annos cor seguiu impo-se a todas as outras marcas

**Union Maritime e Mannheim**

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union y El Fenix Español, R. da Prata, 59, 1.<sup>a</sup>, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusive o seguro denominado 'Popular' para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa

**Lima Mayer & C.<sup>a</sup>**

RUA DA PRATA 59 1.<sup>a</sup>

LISEOA

**NESTLÉ**

FARINHA LACTÉA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

Preço 400 réis



# RECITA DE CARIDADE NO REAL CONSERVATORIO

Sem deixar de ser uma festa de caridade, cuja intenção piedosa é desnecessário encarecer, a recita fidalga do dia 8 — e repetida no dia 9, — no salão marfim e ciro do Real Conservatorio, mereço ser considerada como uma das mais nobres manifestações artisticas e o mais galante concurso de belleza heraldica, que de ha muito promovia a nobreza de Lisboa. Este certamen de

para arte em que algumas das mais insinuantes figuras da sociedade elegante nos transmitiram, umas nas poses de quadros vivos, outras no desempenho de comedias, outras na interpretação de trechos musicos, a arte pictural de Velasquez, de Roybet, de Goya, de Gisbert, de Velloso Salgado e Alonso Perez, a graciosa arte theatral do auctor do *Secret de Theodore* ou a inspiração musical de Tosti, de Filippo e de Bemberg, foi uma noite de regosio para o espirito, para o olhar, para o ouvido. Para descrevela seria necessario que uma penna reunisse o talento, todo graciosidade e subtilidade, de um Gustavo Droz, e a palaciana gentileza de um cronista de corte. Vem tarde a *Illustração Portugueza* para fazer a narração de uma festa cujos ultimos murmurios de espinetta e violino e os derradeiros *frou-frous* de sedas ha mais de dez dias se evolaram na sala do velho convento dos Caetanos. O que d'ella materialmente ficou, além da avultada esmola para uma assenciação de caridade, dá-o hoje a *Illustração Portugueza* nos seus leitores na serie das cinco photographias que reproduzem os quadros vivos, tão admiravelmente compostos por algumas das mais lindas senhoras do corpo diplomatico e da aristocracia portugueza. Mas quanto deficientes são estes documentos — embora preciosos por serem unicos, — para a integral reconstituição d'esse espectáculo de sumptuosidade, de graciosidade e de colorido! Essa defficiencia é ainda avultada p. a falta dos scenarios apropriados a cada quadro, ainda por concluir á hora do ensaio geral. Mas mesmo assim incompletos, estes documentos permitem-nos fixar para sempre, n'este archivo da vida portugueza, uma das suas paginas mundanas de mais radiante brilho.

Uma narração seria tardia, agora, e reclamaria, para ser perfeita, um extenso espaço que nos falta.

Temos que escrever ao correr da penna... sensações que ficaram... figurinhas que impressionaram... modelações

de voz que se impuzeram... aqui uma referencia á excellenté pose do sr. José Figueiró no quadro *D. Quijote en casa de los Duques*, e á das encantadoras figurinhas que o cercavam, como mademoiselle Clara Montalvo, de uma belleza verdadeiramente classica; aqui uma referencia á maneira impecavel como as sr.ª D. Branca Ferreira Pinto e madame Moraes disseram os seus papéis na comedia franceza, que tanto agradou; depois nos lembra fallar das duas senhoras que cantaram, mademoiselle Pinto Leite, sentindo tão delicadamente os auctores que interpreta, e a sr.ª D. Maria de Bettencourt Luz, que arrebatou o publico pelo sentimento e pela arte com que cantou a melodia de Filippo.

Depois, passa esse precioso quadro da *Bénéficion sous Louis XIII* e parece-nos vér destacar no fundo as gentilissimas figuras de mademoiselles Izabel Sabugosa e Eugenia Bellas, ou a figura cheia de distincção e de raça da sr.ª D. Maria de Vasconcellos e Sousa de Almeida; e vem logo a seguir o outro quadrinho, *Bavardage*, movimentado e colorido, em que mademoiselles Van Eys, D. Maria Emilia de Castello Branco, D. Christina Guell e D. Maria Eça de Queiroz puzeram toda a frescura dos seus rostos e a graça das suas attitudes; e ainda o outro, *La Majas en el balcón*, em que a sr.ª D. Guadalupe de Castro obteve um merecido successo, pelo *cachet* andaluz da sua attitude, do seu olhar e da sua *loi-ette*. E essa recordação traz-nos ainda á memoria o côro hospanhol das tres encantadoras filhas de madame Moraes de los Rios e de mademoiselle Maria Guell, filha da sr.ª marquize de Guell y Bourbon.

E inda agora, a nossa retina está impressionada pelos dois ultimos quadros, um profundamente espanhol, *La secuinna*, de Velasquez, outro essencialmente portuguez, *Santa Izabel Rainha de Portugal*; aquelle como traducção fiel, por feita, admiravel, que o seu compozitor, o sr. Villaça, soube dar do quadro celebre do museu do Prado; este, pela inspiração do seu auctor, o pintor Salgado, que soube encontrar na aristocratica belleza da sr.ª D. Maria Sabugosa aquelle mixto de bondade terrestre e de celeste iniciação que fizeram da Rainha Santa Izabel uma das mais nobres figuras da Historia e uma das mais puras figuras da lenda, cercando-a de grupos de aias e monjas, mendigas e donzellas, admiravelmente dispostos e vestidos e primorosamente representados pelas sr.ª D. Francisca, D. Theroza, D. Eugenia e D. Maria Taronca, D. Clara Montalvo, D. Beatriz Pinto, D. Maria Lavradro, D. Izabel Sabugosa e D. Maria do Carmo da Cumara.



Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>as</sup> D. Maria de Vasconcellos e Sousa de Almeida, D. Isabel Sabugosa  
 D. Guadalupe de Castro, Miss Villiers, Mesdemoiselles Clara Montalvo,  
 Maria Gweli e os Srs. José de Vasconcellos e Sousa (Figueroa) e D. Carlos da Camara



«D. QUIJOTE EN CASA DE LOS DUQUES» — QUADRO DE A. GISSERT



Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>ta</sup> D. Amelia M. de los Rios, D. Isabel Sibugosa, D. Maria de Leucastre,  
D. Leonor Correia, D. Maria de V. Sousa d'Almeida, D. Eugenia de C. Branco  
e os sr.<sup>s</sup>, José de V. e Sousa, Jorge de Mello, Fernando F. Pinto Basto, A. d'Almeida



«BÉNÉDICTION À LA COUR SOUS LOUIS XIII»—QUADRO DE F. ROYBET



*Mesdemoiselles Villegas, Mercedes e Carmen Montalvo  
e as Es.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> D. Maria de V. e Souza d' Almeida, D. Vera Ferreira Pinto Basto  
e os srs. Jorge (Sabigosa), José de V. e Souza, A. d' Almeida e Luiz de C. Osorio*

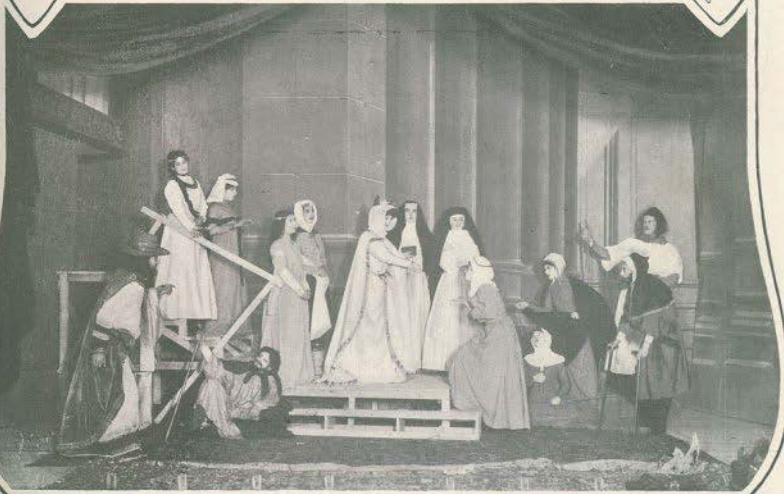


«LAS MENINAS» — QUADRO DE VELASQUEZ



«BAVARDAGES»—QUADRO DE ALONZO PEREZ

Mesdemoiselles Adèle e Maria L. Van Eys e Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> D. M. Era de Oneiros,  
D. J. Morales, D. Christina Guell, D. Isabel Sabugosa, D. Maria E. Costello Branco  
e os srs. J. de Vasconcellos e Sousa, Jorge Sabugosa, F. P. de Sande e Castro,  
Fernando M. d'Almeida, Antonio d'Almeida, José Correia e J. C. O'Neill



«SANTA IZABEL»—ESQUISSO DE VELLOSO SALGADO

Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> D. Maria Sabugosa, D. Francisca, D. Thereza, D. Eugénia,  
D. Maria E. Taronca, D. Clara de Montalvo, D. Beatriz Piulo, D. M. de V. e Sousa d'Almeida,  
D. M. do C. da Comara, D. Isabel Sabugosa e srs. D. João de Lencastre, Potter e A. Taronca



O ENTRUDO NO PORTO

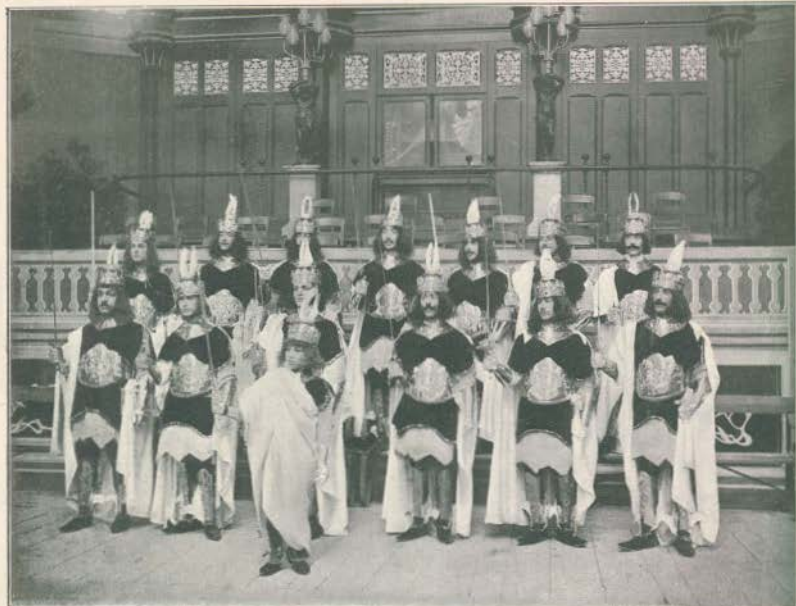
CARRO DOS EMPREGADOS DO COMMERCIO — CARRO DA IMPRENSA «LIÇÃO DE ANATOMIA PATOLOGICA»





O ENTRUDO NO PORTO

CARRQ DA HYDRA-RENASCIDA—CARRQ DO THEATRO DO SE-BENTO—AUGUSTO FINA, DIRECTOR ARTISTICO DO CORTEJO,  
 ALMOÇANDO NO PALACIO DE CRYSTAL JUNTO AO ATELIER—CARRQ DO «RIO DOURO»  
 —CARRQ DOS ESTUDANTES DE BELLAS ARTES



CAVALLEIROS DA GUARDA DE HONRA DO CORTEJO DO CLUB DOS FENIANOS, NO PORTO



O CARNAVAL EM COIMBRA — COCHE RECLAMO DA CASA COMMERCIAL DOS SRS. GAITTO E CANNAS  
(Cliché do photographo sr. José Bastos dos Santos)

# CARNAVAL NA ESCOLA POLYTECHNICA



1—A BARRACA DAS NOVAS VIAGENS DOS GULLIVERES FILHOS DO GULLIVER PAI. 2—A BARRACA DAS KARIDADES. 3—ORCHESTRA DA REAL CANNINHA. 4—O ESTUDANTE ANJOS VENDENDO FLORES. 5—OS PRINCEPES DE TITIKAKA! PRINCEZA FERNANDES SIMÕES! PRINCEPE, ANTONIO SEQUELHA! MORDOMO, MELLO; BUFO, PINTO RIBEIRO. 6—GRUPO DE ARTISTAS DA GRANDE CASINHA DE PARIS. 7—MARCELLINO, EMPRESARIO DA BARRACA VIAGENS GULLIVER. 8—ESTUDANTES LOURENÇO E MATHIAS. 9—HELMIRO FERNANDES E FRANCISCO LOURENÇO, DE PROVINCIANOS. 10—PROCEDENDO ÀS INSTALAÇÕES DA EXPOSIÇÃO. 11—ARTISTAS DO G. C. DE PARIS



1—SANGÜESUGAS VARREDORAS, ORCHESTRA, EMPREGADOS E ARTISTAS DA GRANDE CASINHA DE PARIS. 2—O CARTAZ DA FESTA. 3—A BARRACA DAS AGUAS, COMISSÕES, ETC. 4—A ORCHESTRA DA REAL CANNINHA. 5—VASCONCELLOS, DE CAMARERA NA BARRACA DA COMISSÃO



*Para occorrer ás despesas da sua viagem  
pelo Egypto, Platão fez-se vendedor d'azeite.*

PLUTARCO



Toris era o esculptor mais afamado  
D'Heliopolis, Nem Melas o excedia  
Na graça e no vigor com que aquecia  
O bronze duro e o marmore gelado.

Fino poeta, meigo e delicado,  
Quando um torso de nayade fazia,  
Ninguém tinha tão rude valentia  
Modelando, convulso, um deus irado;

Um dia, trabalhava em doce enleio,  
Quando sua mulher, Kamá, chamou  
Um azeiteiro grego que passava.

Entra o grego na quadra; e ao mais alheio,  
Quedo como uma estatua ahi ficou,  
Vendo a estatua que Toris acabava . . .



E eis que diz: — «Antes d'esta vida escura,  
«Outra vida radiosa já vivemos,  
«E entre os eternos Deuses conhecemos  
«A suprema Belleza, eterna e pura.  
  
«Chegando á negra patria da amargura,  
«Julgamos que da treva procedemos,  
«Mas depois a memoria rehavemos  
«De quanto contemplámos lá na altura.  
  
«Dos divinos prodigios nos terrenos  
«Um echo vamos vendo, e uma infinita  
«Sêde de luz em nossas almas clama;  
  
«Da lembrança dos páramos serenos  
«Vem o estranho calor que nos agita,  
«Sabios e artistas, que a Belleza chama!»



Assim falou. Toris extasiado  
Larga a estatua que faz, d'Hermes, ligeiro:  
— «Quem és tu, cuja voz, nobre estrangeiro,  
«Illumina meu espirito ensombrado?»  
  
— «Platão, eis o meu nome. Despresado  
«Pelo oiro deleterio e lisongeiro,  
«Deixei o meu paiz, fiz-me azeiteiro,  
«E ando o mundo a correr, maravilhado...»  
  
Mede o grego a Kamá seu oleo brando,  
E parte, á claridade vespertina,  
A tunica ageitando, alva de leite...  
  
Toris scismava... A lua ia raiando...  
E de Platão a voz clara e divina  
Vibrava ao longe apregoando azeite.

EUGENIO DE CASTRO



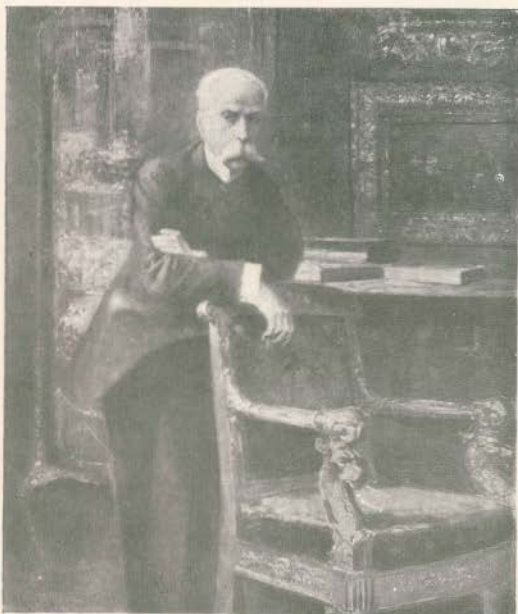
# AS LEGAÇÕES DE PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

III

## A LEGAÇÃO DE ROMA

A legação de Sua Magestade unto do Quirinal acha-se installada desde 1807 n'um dos palácios da *piazza d'Ara Celli*, mesmo aos pés da mais gloriosa e invocadora colina do mundo — o *Capitolio*.

Não é esta, porém, a primeira vez que a loba capitolina, perpetuadora da lendaria fundação da *urbs*, vê da sua jaula, postada a meio da doce e magestosa escadaria, fluctuar o pavilhão portuguez na festiva manhã do anno em que o *campanone* quebra a sua constante mudez para recordar á cidade a data em que o sulco da charrua de Romulo e Remo determinou os limites da *Roma quadrata*. Outras



O ministro de Portugal em Roma, conselheiro Mathias de Carvalho e Vasconcellos  
(Retrato do notavel pintor hespanhol Barbudo)

lôbas, nobres avoengas da actual, viram tambem, no começo do século XVIII, no pontificado pomposo de Clemente XII, palpitar, como hoje, n'aquellas paragens a bandeira das Quinas.

Era então embaixador de D. João V junto do papa frei José Maria da Fonseca, procurador geral dos Franciscanos, que depois veio a ser bispo do Porto e que as chronicas de Evora dizem ter sido o fructo dos amores peccaminosos do faustoso monarcha com uma linda moça d'ali. Querendo elle a bitar no convento da sua ordem, mas reconhecendo, ao mesmo tempo, que uma

simples cella de frade não bastava como sede de uma embaixada — e de uma embaixada do nosso Rei Sol, de mais a mais, obteve d'este os meios necessarios para construir os quartos de *Ara Celli* — como obteve, mais tarde, por novas supplicas, valiosos auxilios para a formação da vasta bibliotheca Eborense, que em parte dos mesmos quartos instalou, e para a reconstrução dos conventos francisca-

lice em terra alheia só nos resta hoje o convento de *Santa Maria delle Nieve* em *Palazzala*, que o sr. conselheiro Mathias de Carvalho conseguiu habilmente salvar quando já o governo em Lisboa se resignara tambem á sua perda. O mais foi-se com a nova ordem de cousas resultante da entrada dos italianos em Roma, tendo sido a bibliotheca, onde, a par de muito calhamaço indigesto de theologia, havia manuscritos e obras de valor, incorporada na bibliotheca nacional Victor Manuel, em cujo atrio foi tambem collocado o busto do Fonseca e a lapide que estavam em *Ara Celli*.

*Palazzala* é o mais antigo torrão de terra que Portugal possui. Nas eravagas de Alba Longa, antes da fundação de Roma, já aquelle que é hoje convento era um templo consagrado a Jupiter, que se transformou depois, em tempos mais historicos, n'uma residencia de verão dos consules. Um d'estes, Sipião Hispalus, lá morreu, e o seu tumulo, que hoje é propriedade nossa, mas sob as reservas e garantias dos declarados monumentos nacionaes, constitue, segundo o Belli, uma das maiores preciosidades da archeologia italiana.

Colocado a pique sobre o lago de Albano, de tão original conformação, mesmo em frente de Castel Gandolfo, o panorama que se descobre das janelas e do terraço do convento é d'aquelles que para sempre se gravam no espirito e profundamente o impressionam, não tanto pela grandiosidade como pela sua natureza ao mesmo tempo inconfundivel e invocadora. D'ali se vê e se sente todo o mysterio que envolve esse abençoado pedaço de solo que é a cidade eterna e a sua *campagna*. Por isso *Palazzala* constitue uma das mais agradaveis metas de passeio dos arredores de Roma; e, como quer que o conselheiro da legação Monteverde con-

sagrasses um grande amor ao sitio e conseguisse transformar a abandonada *palazzina* annexa ao convento n'uma agradável residencia de verão, o album dos visitantes da casa regista hoje muitos dos melhores nomes da sociedade romana e do seu corpo diplomatico que lá tem ido participar alegremente dos simples e descerimoniosos almoços do pessoal da legação.



A sala de entrada do palacio da Legação de Portugal em Roma

(Ao alto, rodeando a parede, em friso, a primeira série de afrescos da escola de Zucari)

nos de *Santa Liberata*, virgem e martyr portugueza, em *S. Angelo in Capocci*, diocese de Tivoli, e de *Palazzala* em Albano. Para alguma cousa havia de servir ao *Portoghese*, como os frades de S. Francisco designam ainda hoje em Roma José Maria da Fonseca, o ser filho aduterino de um rei magnifico!

De toda esta custosa ostentação da nossa bea-





Roma é a terra por excellencia dos palacios monumentaes. Só a antiga cidade dos papas poderia, pelas especiaes condições do seu passado, offerecer esse espectáculo unico de uma embaixada estabelecida, como está a da França, n'um palacio real, superior, pela sua grandiosidade e pela sua riqueza artistica, a muitos dos palacios dos soberanos da Europa.

Bastaria o *cortile* de Sangallo e a famosa galeria dos Carracio para consagrar o palacio Farnese, dos antigos reis de Napoles, como uma das mais bellas joias de arte de Roma.

A Austria defronta-se em magnificencia com a França. O palacio de Veneza, que os austriacos souberam conservar ainda depois da restituição da cidade das lagóas á Italia, é ao mesmo tempo um colosso de granito e uma maravilha do chamado estylo florentino. Ali se aloja



A ministra de Portugal  
EX.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Virginia de Carvalho e Vasconcellos

faustosamente a embaixada do imperador Francisco José junto da corte pontificia.

« Vem depois a Hespanha com o palacio, tambem de sua propriedade, que dá o nome á mais pittoresca e mais caracteristica raça de Roma; Portugal Santa Sé, installado no palacio Barberini, ostentoso e decorativo documento do baroquismo berniniano com a sua audaciosa sala de P. Cartana, a Austria Quirinal no palacio Chigi, a Alemanha no palacio Caffarelli, recentemente alegrado com frescos sobre *croquis* do proprio imperador, a Inglaterra na antiga *villa* Torlonia, etc.

Das legações tem o primado como installação a de Portugal, sem que essa envidecedora supremacia — é bom sempre ir accentuando isto nos tempos que correm — tenha até hoje custado ao thesouro mais do que o minguado conto de réis que a lei fixa como subsidio de renda de casa para as nossas representações diplomaticas. O



O salão da Sr.<sup>a</sup> Ministra de Portugal



A casa de jantar no palacio da Legação



O salão de recepção e de festas



Conselheiro da Legação, sr. Alfredo de Monteverde, em traje de caçador da campina romana



O 1.º secretário da Legação, sr. Lambertini Pinto  
(Retrato de O'Conner Martins, conselheiro da embaixada junto à Santa Sé)



A sala principal da Palazzina

No parede do fundo vê-se a reprodução de uma cavalgada histórica, organizada pelo pessoal da Legação e dirigida ao castello dos principes Orsini, em Nemi)



O convento de Palazzola visto da cerca

palacio Malatesta, antigo palacio Ruspoli, na praça de Ara Coeli, possui, pela nobreza e vastidão das suas salas principaes e pelo valor artistico dos frescos que as decoram, attribuidos ao famoso Quecari, a magestade de uma sede de embaixada. Todo o portuguez que viaja em Italia, ao fazer as visitas do estylo tanto a uma como a outra das nossas representações em Roma, sente-se naturalmente orgulhoso vendo o modo por que o nosso pequeno paiz, tão ignorado e tão falsamente julgado no estrangeiro, se recorda e se impõe no meio d'esta dupla cõrte de fausto e de ostentação, tanto pelo prestigio pessoal dos seus representantes como pelo desprendimento economico, digamos assim, com que elles procuram honrar a sua missão irmanando-a ás dos Estados que podem e querem pagar largamente aos seus diplomatas.



O sr. conselheiro Mathias de Carvalho e Vasconcelos é, com duas curtas soluções de continuidade — os dois annos incompletos, 1886-1887, em que esteve em Berlim e os mezes de 1891 em que abraçou a pasta dos Negocios Estrangeiros — ministro de Portugal junto do Quirinal ha 27 annos.



A Palazzina e a famosa janella de onde se disfructa o panorama do lago e da campagna romana

E' pois, de facto ao menos, o mais antigo dos diplomatas acreditados em Roma, e ninguém melhor do que elle, no consenso unanime dos seus collegas e da cõrte italiana, saberia manter este honroso decanato.

E' sabido que junto das grandes potencias, onde brilham e abundam os embaixadores que a tradição investe ainda hoje, a despeito da evolução democratica dos tempos, das honras de principes, pela ficção de representarem directamente a pessoa do soberano, os simples ministros plenipotenciarios são forçadamente rechaçados pelo protocolo para um plano mais apagado, circumstancia que, por signal, alguns d'elles aproveitam para fugir áquella evidencia custosa e hospitaleira que, se é factor importante na vida diplomatica para a conquista de amizades e de consideração, não dá margem para largas economias.

D'esta regra porém se exceptua, de facto, a legação portugueza. Para a sociedade romana, cotada para a deferencia dos soberanos, da cõrte e dos governos, ella conta e vale como se embaixada de paiz poderoso fosse; e, porque esta affirmação corresponde



A igreja e o convento portuguez de Palazzola, em Albano

absolutamente á verdade, mais uma vez com ella se demonstra quanto as qualidades que se congregam na pessoa do sr. Mathias de Carvalho, desde o prestigio proveniente do papel politico que desempenha no seu paiz até á ductilidade do seu espirito de perfeito homem do *metier* e aos meios de fortuna que lhe permitem realizar uma representação assim brilhante — são cooperadores de valia na ardua e mal apreciada carreira diplomatica.

Esse complexo de predicados mais se valorizam e se tornam efficazes na missão especial que ao illustre homem de Estado está confiada. Como ministro junto do Quirinal, o sr. Mathias de Carvalho é a *vera* o que os inglezes chamam *the right man in the right place*. Roma é, simultaneamente, a terra classica da tradição e do passado e a joven capital de um paiz que se refaz á sombra antiga da democracia e do progresso; o berço de um patriotismo onde ha nomes que recordam soberanias e ascendencias que enraizam nas longinquas eras dos Cesares, e a residencia official de um moço repleto na idade e moço na orientação e na disciplina da intelligencia, que no culto sincero da liberdade e na collaboração dos seus mais audaciosos



Depois de um almoço oferecido em Palazzola pelo sr. Lambertini Pinto ao ministro dos Negócios Estrangeiros Tittoni (o primeiro à esquerda)



A' volta de Palazzola

estadistas encontrou a formula que concilia o respeito das instituições, que são a condição indispen-

savel da integridade territorial da Italia, com esse espirito democratico e essa ancia de melhor justiça



Os frades de Palazzola com o conselheiro da Legação de Portugal e o Encarregado de Negocios do Brazil



O convento de Palazzola visto da cerca

palacio Malatesta, antigo palacio Ruspoli, na praça de Ara Coeli, possui, pela nobreza e vastidão das suas salas principaes e pelo valor artistico dos frescos que as decoram, attribuidos ao famoso Quccari, a magestade de uma sede de embaixada. Todo o portuguez que viaja em Italia, ao fazer as visitas do estylo tanto a uma como a outra das nossas representações em Roma, sente-se naturalmente orgulhoso vendo o modo por que o nosso pequeno paiz, tão ignorado e tão falsamente julgado no estrangeiro, se recorda e se impõe no meio d'esta dupla cõrte de fausto e de ostentação, tanto pelo prestigio pessoal dos seus representantes como pelo desprendimento economico, digamos assim, com que elles procuram honrar a sua missão irmanando-a ás dos Estados que podem e querem pagar largamente aos seus diplomatas.



O sr. conselheiro Mathias de Carvalho e Vasconcellos é, com duas curtas soluções de continuidade — os dois annos incompletos, 1886-1887, em que esteve em Berlim e os mezes de 1891 em que abraçou a pasta dos Negocios Estrangeiros — ministro de Portugal junto do Quirinal ha 27 annos.



A Palazzina e a famosa janella de onde se distructa o panorama do lago e da campagna romana

E' pois, de facto ao menos, o mais antigo dos diplomatas acreditados em Roma, e ninguem melhora do que elle, no consenso unanime dos seus collegas e da cõrte italiana, saberia manter este honroso decanato.

E' sabido que junto das grandes potencias, onde brilham e abundam os embaixadores que a tradiçào investe ainda hoje, a despeito da evoluçào democratica dos tempos, das honras de principes, pela ficção de representarem directemente a pessoa do soberano, os simples ministros plenipotenciarios são forçadamente rechaçados pelo protocolo para um plano mais apagado, circumstancia que, por signal, alguns d'elles aproveitam para fugir áquella evidencia custosa e hospitaleira que, se é factor importante na vida diplomatica para a conquista de ambiações e de consideração, não dá margem para largas economias.

D'esta regra porém se exceptua, de facto, a legação portugueza. Para a sociedade romana, cotada para a deferencia dos soberanos, da cõrte e dos governos, ella conta e vale como se embaixada de paiz poderoso fosse; e, porque esta affirmação corresponde



A igreja e o convento portuguez de Palazzola, em Albano

absolutamente á verdade, mais uma vez com ella se demonstra quanto as qualidades que se congregam na pessoa do sr. Mathias de Carvalho, desde o prestigio proveniente do papel politico que desempenhou no seu paiz até á ductilidade do seu espirito de perfeito homem do *métier* e aos meios de fortuna que lhe permitem realizar uma representação assim brilhante — são cooperadores de valia na ardua e mal apreciada carreira diplomatica.

Esse complexo de predicados mais se valorizam e se tornam efficazes na missão especial que ao illustre homem de Estado está confiada. Como ministro junto do Quirinal, o sr. Mathias de Carvalho é o que os inglezes chamam *the right man in the right place*. Roma é, simultaneamente, a terra classica da tradiçào e do passado e a joven capital de um paiz que se refaz á sombra amiga da democracia e do progresso; o berço de um patriciado onde ha nomes que recordam soberanias e ascendencias que enraizam nas longinquas etas dos Cesares, e a residencia official de um moço rei — moço na idade e moço na orientação e na disciplina da intelligencia, que no culto sincero da liberdade e na collaboraçào dos seus mais audaciosos



Depois de um almoço oferecido em Palazzola pelo sr. Lambertini Pinto ao ministro dos Negócios Estrangeiros Tittoni (o primeiro à esquerda)



A volta de Palazzola

estadistas encontrou a formula que concilia o respeito das instituições, que são a condição indispen-

savel da integridade territorial da Italia, com esse espirito democratico e essa ancia de melhor justiça



Os trades de Palazzola com o conselheiro da Legação de Portugal e o Encarregado de Negocios do Brazil

social que é a mais impressionante característica da época presente.

Confinado, pelas condições especiais da sua profissão, entre esses dois contactos — o da sociedade onde essa aristocracia impera, e o do mundo official e do governo que por taes ideias se orienta — o diplomata precisa, para bem se achar em Roma á vontade e para em nada falsear a sua missão, reunir em si os dois predicados, aparentemente contradictorios, que a estas duas exigencias correspondem, isto é, o que os italianos chamam *un signore*, no nobre significado do termo, e, ao mesmo tempo, comprehender e *sentir*, por uma afinidade de opiniões, o rumo modernamente dado á politica do paiz n'essa corajosa experiencia de monarchia-ultra democratica que Victor Manuel III lançou como um repto á velha Europa conservadora.

Ora assim precisamente é a individualidade do sr. Mathias de Carvalho, ministro pela primeira vez com Loulé, no tempo, portanto, em que, dentro da politica portugueza, os nomes e as divisas dos partidos



Grupo de convidados de Palazzola, entre os quaes madame Tittoni (a primeira senhora contando da direita), admirando o monumento de Scipião Hispulus, um dos mais interessantes da archeologia romana

não eram meramente convencionaes, mas traduziam arregradas convicções dos partidarios; a sua noção clara e generosa da vida, que só a escola da liberdade sabe dar, não só a conservou sempre intacta, mas disse-lha até, para os que de perto o acompanham no trabalho, que mais elle se alonga na jornada da existencia, mais o seu espirito eternamente moço se afirma em plasticidade, em aptidão receptiva dos audaciosos problemas que

a) sociedades progressivas de hoje atiram para o debate na sua sede insofrida de bem estar e de justiça. O *seu tempo* nunca é aquella saudosa e dolorida invocação do passado que os velhos, de ordinario, teem, a proposito de tudo, nos labios. O *seu tempo* é sempre o *tempo que decorre*, porque, a elle, a larga experiencia da vida, graças á disciplina do seu cerebro bem mobilado e a essa rara frescura mental já accentuada, só serve para lhe deixar melhor extremar das impaciencias dos sectarios e das turbulencias dos agitadores de profissão a marcha ascensional e continua dos povos para o bem e para a verdade.



No terreiro do convento—Partindo para a caçada na campina romana



Hoje que a diplomacia deixou de ser o jogo de enganar e de manhas que a caracterisava nos tempos dos velhos regimens; hoje que o telegrapho, o correio e, sobretudo a democracia imperante nas formas governativas de todos os povos tornaram inuteis uma boa parte dos meritos e talentos que fixaram com tanto relevo na historia os nomes de Machiavelli, Talleyrand, Kaunitz, Metternich, etc., — a cordealidade sincera das relações entre enviados estrangeiros e governos, resultante da afinidade de idéas e da similitude de criterios, são factores muito mais efficazes para o bom resultado das negociações que a tão elogiada astucia dos mestres da diplomacia de ha um seculo. Foi amando a Italia e os seus homens de Estado de hoje que Camillo Barrere, o brilhante espirito de que a França justamente se envaidece, melhor poudo levar a effeito como embaixador a sua obra de *rapprochement* franco-italiano. E' amando a Italia que o sr. Mathias de Carvalho com mais efficacia conseguiu dominar e impôr-se até ás manifestações da mais significativa deferencia servindo com largo proveito os interesses do seu paiz, que de mais, além de pequeno e fraco, não soube ainda desembaraçar o horizonte das nossas relações com esse paiz da nuvem que n'elle deixou a promessa espontaneamente feita e nunca realisada da visita de El-Rei á côrte de Roma.

Para não citar senão um facto recente, ahí temos a solução da questão entre Portugal e a Inglaterra sobre os limites do reino do Barotze, submettida pelos dois paizes ao juizo arbitral do rei de Italia, a mostrar a verdade d'esta affirmação. A enorme extensão dos territorios cuja posse a nossa alliada nos contestava, a superioridade da situação d'esta grande potencia que acabava de estabelecer a *entente cordial* com a Italia (sobre nós, eternamente agrilhetados ao medo de reparar o agravo de 1895) e, sobretudo, a publicação da sentença arbitral proferida pouco antes tambem por Victor Manuel III no pleito entre o Brazil e a Inglaterra, da mesma natureza do nosso, e onde a doutrina dos chamados direitos historicos de prioridade de occupação, invocados pelo Brazil, e de que muito eramos tambem obrigados a prevalecer-nos, soffria correcções e restricções inquietantes, eram prenuncios de resultado bem pouco animadores. Sem embargo, o ministro de Portugal avocou obstinadamente a si todas as responsabilidades do seguimento em Roma da arbitragem, respon-

dendo aos repetidos annuncios publicos da nomeação de delegados technicos junto da legação que lhe bastavam os seus collaboradores habituaes e, sem embargo tambem, a sabia sentença do neto de Victor Manuel II foi para nós de justiça tão completa que excedeu a expectativa dos mais optimistas.

Certamente essa justiça devemo-la toda ao altissimo criterio, á rectidão e á imparcialidade do moço rei; mas ninguem ignora que questões d'esta complexidade demandam larga preparação, replicas, treplicas e outros incidentes em que os diversos representantes de cada uma das partes, e sobretudo aquelles que se encontram em contacto com o julgador, teem um papel tão delicado quanto importante.

Nenhuma arbitragem nos foi até hoje tão favoravel como esta da delimitação do Barotze e... nenhuma nos custou tão barata — seja dito em honra da nossa diplomacia e reparando um pouco a indifferença com que nós todos, eternos pretores de causas minimas, apaixonados apenas pelos factos minusculos da politica de regedoria, vimos regressar á nossa posse, sem dispendio nem sacrificio, territorios coloniaes mais extensos que toda a superficie do reino.



A legação de Portugal em Roma abre annualmente as suas portas, durante o inverno, para uma serie de jantares diplomaticos e mundanos que teem fama tradicional na sociedade romana, pela suprema distincção que a elles preside. O nosso representante junto da côrte do Quirinal tem, de resto, na sr.<sup>a</sup> D. Virginia de Carvalho e Vasconcellos a mais intelligente e perfeita cooperadora dos seus esforços para bem honrar e enaltecer o nome do seu paiz na capital d'Italia. Os *five-o'clock* aos sabbados de Quaresma da illustre senhora contam entre os mais elegantes e escolhidos *rendez-vous* do gotha romano e estas reuniões, já de si tão agradaveis pela selecção e pela concorrencia, são ainda por vezes abrilhantadas pela collaboração artistica da sr.<sup>a</sup> D. Paula de Vasconcellos, que com tão profundo sentimento e tão exacta notação sabe dizer os versos divinos do maior poeta italiano.



O consul de Portugal em Roma, sr. Filippe Alvares de Castro



# PALACIOS CASTELLOS E SOLARES DE PORTUGAL

## XIII—CASA SOLARENÇA DOS PINHEIROS, EM BARCELLOS

Este soberbo edificio, cuja decadencia lamentavel devemos attribuir tanto á conspiração dos seculos como á ausencia dos seus possuidores, é um precioso documento para a historia da nossa architectura civil.

As photogravuras, que offerecemos, sobejam para a intuição artistica do monumento; e no 14.º tomo do «Portugal» os leitores mais exigentes podem colher amplas noticias e apreciar uma boa descripção d'esta illustre casa.

Fazendo esta indicação devemos affirmar e esclarecer a nossa divergencia em certos pormenores e determinada-mente na interpretação ali dada pelo meu illustro amigo o erudito archeologo Antonio Ferraz, ao brazão da primitiva casa e ás figuras que ressaltam das paredes do vasto e robustissimo edificio.

E isto será afinal uma breve descripção do arruinado e interessante solar, constituído não sómente pelas casas que o dr. Pedro Esteves edificou em 1448 e seu filho Alvaro Pinheiro bizarramente ampliou no ultimo quartel do seculo XV, mas tambem pela nobre morada de D. Diogo Pinheiro, talvez avoenga, reedificada no reinado de D. Manoel.

No escudo cercado pela inscripção de 1448, ha apenas tres chaves suspensas de um torçal; mas a do centro tem dois palhetes. E' o brazão de Pedro Esteves: as chaves, peças honrosas do armorial, constituem o symbolo heraldico, herdado ou adquirido pelo fundador. Repete-se, já isolado, já combinado com as armas dos Lobos e dos Pinheiros, no magnifico sarcophago da collegiada de Guimarães, onde jazem Pedro Esteves e D. Izabel Pinheiro. Mas, para reconhecer sua natureza heraldica, não é necessario visitar a arruinada e sumptuosa capella de Guimarães: temos nesta casa, na torre altaneira do Sul, um escudo partido em pala: a primeira com as armas dos Pinheiros; e a segunda cortada em faixa: na primeira, o brazão de Pedro Esteves; e, na segunda, as armas dos Lobos.

Cercam este escudo as seguintes letras: ESTAS ARMAS S. O DE

ALVARO PINHEIRO LOBO. Na architectura da epoca, os motivos ornamentaes não tinham, em regra, o caracter symbolico que a archeologia lhes tem por vezes attribuido.

O artista, sem intenção propria, obedecia á força das tradições herdadas dos antigos architectos; tho livres na satyra como na apologia.

Aquella figura, intrusa na lenda do *barbado* e repetida no alto da torre meridional, é uma viva reminiscencia do estylo romano, é um dos muitos exemplares das reedições gothicas.

Se o registro de factos mais interessantes não prendesse a nossa attenção, passaríamos em revista todas as figuras que adornam o historico domicilio dos Pinheiros, e voltando ás chaves heraldicas, acrescentariamos algumas considerações acerca do nobre e antigo appellido de Cogoninho, geralmente attribuido a Pedro Esteves, até pelo insuspeito D.

Antonio de Lima, contemporaneo de seus filhos e pouco afeiçoado a esta familia barcellense, cujo realce tantos odios despertou.

Os Limas e os Pinheiros tinham-se tornado incompatíveis e o odio arrebentou em aggressões no anno de 1523, quando D. Manoel de Lima, filho de D. Diogo Lopes de Lima e irmão do insigne genealogista, foi apresentado n'uma cónesia vaga da collegiada de Guimarães, contra os desejos de D. Diogo Pinheiro, bispo do Funchal. D. Diogo Pinheiro, acompanhado de parentes e de amigos, fez-se forte em Barcellos, onde era alcaide-mór seu sobrinho Henrique Pinheiro; e D. Diogo Lopes de Lima, alcaide-mór de Guimarães, reunindo seu numeroso bando, convidou os adversarios para uma batalha decisiva, ameaçando-os de que, no caso de recusa, poria cerco a Barcellos para se apoderar do bispo.

Parentes e amigos, vassallos e creados, cavalleiros e peões, todos se aprestaram com denodo para tão ousado commettimento. João de Mello Sampaio, abbade de Pombeiro, veio com trinta de cavallo e muitos infantés. O visconde D. Francisco de



LADOS SUL E POENTE DO SOLAR



UMA DAS JANELLAS DA FACHADA PRINCIPAL

Lima, Leonel de Lima, Senhor de Regallados, Fernão de Sousa, Senhor de Gouvêa, João Rodrigues de Sá, alcaide-mór do Porto, Antonio de Azevedo, Senhor de S. João de Rei, Pedro da Cunha Coutinho, Senhor de Celorico de Basto, Antonio Pereira, Senhor de Cabeceiras de Basto, etc. formaram com elle o grosso d'esse exercito.

De Galliza vieram em soccorro, e oom gente armada, D. Pedro Bermudes de Castro, D. João Sarmiento, D. Pedro de Sottomaior, etc. e até (diz o chronista) Ramiro Nunes de Gusmão se preparava na cidade de Leão, offerecendo-se para servir e soccorrer os Limas. O aguerrido bando era tão numeroso que as justças dos temerosos povos invadidos não tinham força para lhe fazer uma opposição violenta. Na sepultura do feudalismo não couberam todos os seus costumes barbaros.

Nos seculos XV e XVI, repetiram-se ainda, mas raras vezes e com menos ruído, essas luctas armadas, semelhantes ás guerras civis, entre D. Pedro Rodrigues e seu primo Pedro Mendes de Foyares, no reinado de D. Sancho I, e entre Pedro Esteves e Fernão Afonso, no tempo de D. Afonso III.

Só o arcebispo D. Diogo de Sousa com o prestigio do seu nome aristocratico e das suas qualidades pessoais e escudado pelo respeito devido á sua elevada categoria podia evitar o rompimento das hostilidades, e a sua intervenção não tardou para render os impetus inflammados, e obter, na paz honrosa, a melhor desaffronta.

D. João III, aconselhado pelo Conde de Castanheira, parente dos contendores, e compadecido de D. Fernando de Lima, filho do brigado, esqueceu depressa o agravo, concedendo o perdão sollicitado para os delinquentes dos dois campos.

Esta lucta explica o silencio do nobiliario de D. Antonio de Lima acerca dos Pinheiros de Barcellos; e outros factos documentam a má fé dos detractores desta familia torpemente infamada pelo insigne chronista Damião de Goes.

Felizmente o exagero da ignominia torna evidente a mentira genealogica. Seria mais perigosa se o odio não tivesse triumphado das manhas e da erudição do mordaz auctor d'aquella famosa satyra, que um creado do Conde de Penella, disfarçado em frade capucho, entregou pessoalmente a el-rei D. João III no anno de 1554.

Vamos reproduzir tres das sessentas e quatro quadras d'esse infeliz poema:

Mestre João Sacerdote,  
de Barcellos natural  
houve de uma moura tal  
um filho de boa sorte.

Peró Esteves se chamou,  
honoradamente vivia  
por amores se casou  
com uma formosa judia

D'estes (pois nada se esconde)  
Nasceu Maria Pinheira  
Mãi da mãi d'aquelle conde,  
e sua avó verdadeira

Referia-se ao Conde da Castanheira; mas ao receio dos criminosos e ao disfarce guardado n'essa satyra para occultar na primeira leitura o agravo pessoal ao valido do monarcha, repugna a variante conhecida do ultimo verso:

que é o conde da Castanheira

Por mim, passa em julgado a sentença proferida pela auctorizado juiz Camillo Castello Branco contra Damião de Goes como escriptor genealogico: «Não era boa pessoa. Tinha talento, fazia chronicas de reis, escrevia em variados assumptos; mas era mordacissimo, deslenguado, e desluzia as gerações dos seus inimigos com a injusticia propria da sua malquerença.» O grande romanista ignorava por certo, ao escrever nas «Noites de insomnia» estas palavras tão duras e tão verdadeiras, alguns factos que explicam o azedume do Conde de Penella e a bilis do poeta ao serviço da sua vingança. O orgulhoso titular perdera na cõrte o valimento que a torpeza lhe conquistara nos primeiros annos do reinado de D. João III; n'uma questão de precedencia com o Conde de Vimioso sahira vencida e mais irritada sua vaidade doentia; e os ciumes da rainha D. Catharina expulsaram do Paço da Ribeira sua filha D. Izabel de Ataide.

Dizia um pasquim da epoca:

A sua donzella  
o fez bem privar  
e tambem desprivar  
a causa foi ella.

Ouçamos D. Antonio de Lima:

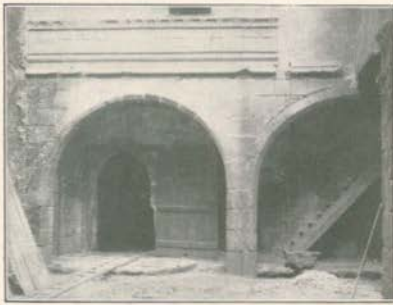
«D. Izabel de Ataide, filha do Conde de Penella, foi mui gentil dama e solta no dizer e fazer; e teve grandes amores com el-rei, sendo este ainda solteiro. A rainha D. Catharina teve grandes ciumes della. Por novos amores, D. Afonso de Menezes, seu irmão, matou Leonel de Brito. Acabou freira.»

O Conde da Castanheira, que fôra amigo e admirador do erudito e venerando Conde de Vimioso, manteve o predomínio, que tanta inveja despertou, durante o reinado de D. João III.

O chronista d'el-rei D. Manoel não pode occultar nos resaltos litterarios da narraçãõ a antipathia intima pelo generoso acto que iniciou o feliz governo d'este monarcha: a restitução dos bens e prerogativas da casa de Bragança e a rehabilitação da memoria do desventurado duque, cruelmente sacrificado por D. João II ao prestigio do poder real. D. Diogo Pinheiro, que havia sido procurador do duque n'aquelle processõ singular, teve grande valimento na cõrte e escreveu uma longa e criteriosa memoria, onde poz em relevo o erro judiciario e a innocencia da victima do tyranno, que a moda do nosso tempo veste de côres liberaes e democraticas!



AS FACHADAS SUL E POENTRE



AS RUINAS DO PATEO

Ultimamente, o infatigável e estudioso publicista Sousa Viterbo, pondo á luz importantes documentos para a biographia de Damião de Goes, descobriu, pelo faro dos espiritos educados, a inimizade entre o chronista e D. António Pinheiro.

Rival de Goes, n'esse prodigioso movimento litterario da Renascença classica, era tambem D. Rodrigo Pinheiro, bispo do Porto e filho do bispo do Funchal.

A satyra é um aborto de rancor, provocado pela cobardia do vingativo Conde de Penella; mas o odio do poeta nascera com a malquerença nos partidarios da casa de Bragança e desenvolvera-se entre as rivalidades litterarias e as intrigas da côrte, onde os Pinheiros, parentes do valido, faziam sombra aos invejosos.

Ao exagero dos detractores correspondeu, como costume, a hyperbole dos genealogistas affeiçãoados; e Pedro Esteves, que era de honrada linhagem, transitou da falsa e modesta origem sacrilega á imaginaria e inclita procedencia dos Aldanas. Esta peregrina genealogia que dava a Pedro Esteves o sangue dos Aldanas, progenitores dos Maldonados, estava em pleno vigor quando Alvaro Pinheiro, seu quarto neto, reformou a capella em Guimarães e reedificou o jazigo da sua familia na collegiada de Barcellos. N'uma e n'outra parte, collocou seu novo braço espartilhado, substituindo n'elle as armas de Pedro Esteves pelas flores de liz dos... Maldonados!

Vem a proposito e como remate da tarefa uma synthese genealogica dos Senhores d'esta casa.

Martim Gomes Lobo, da nobre estirpe dos Lobos de Evora de quem procedem os barões de Alvito, foi ovidor das terras do Duque de Bragança, padroeiro de Christello, por doação dos freguezes em 1416, e alcaide-mór de Barcellos, onde casou com Mor Esteves, filha de Iristho Gomes Pinheiro, tronco illustre dos Pinheiros de Barcellos, e de sua mulher Branca Esteves de Outis, solar velho de Alem-Douro.

Do casamento de Martim Gomes Lobo resultaram tres filhas e dois filhos; mas apenas nos interessam agora as duas filhas que originaram os dois ramos genealogicos onde o appellido Pinheiro teve maior prestigio aristocratico: D. Izabel, mulher do doutor Pedro Esteves, e D. Branca, legitima progenitora dos senhores da illustre casa de Pindello e Arnoso tão brilhantemente representados pelo Visconde de Pindella e pelo Conde de Arnoso a quem o mais

avancado democrata poderia com justiça applicar quatro versos de Camões:

«Não nego que ha contudo descendentes  
de generoso tronco e casa rica  
que em costumes altos e excellentes  
conservam a nobreza que lhes fica».

Conhecida a ascendencia de D. Izabel Pinheiro é licito suppôr que a genealogia de seu marido differe, como a d'essa dama gentil e respeitabilissima, da procedencia affirmada pelo fecundo Damião de Goes, a quem era tão facil entroncar os Carneiros do Porto no Duque de Mouton como inventar outras patranhas genealogicas. Damião de Goes falleceu a Antonio Carneiro, secretario d'El-rei D. João III, uma memoria genealogica, onde lhe dava essa disparatada e lisongeira ascendencia. O ministro queimou o papel na presença do auctor e disse-lhe: «Contento-me em que os meus descendentes contem como progenitora a honra com que procuro viver sendo util ao rei e á patria!»

Este castigo, tão cruel como merecido, dou-lhe menos que a desforra de D. Antonio de Ataíde.

Sabendo o conde que Damião de Goes era auctor da satyra, esperou-o uma noite na rua Nova de Lisboa e vingou-se a pau; e mais tarde, na casa da India, trocando-se elles de razões, D. Antonio de Ataíde deu-lhe com as luvas na cara.

Mas, nem estes castigos, nem a idade lhe corrigiram o temperamento aggressivo; e, *si vera est fama*, o segundo Conde da Castanheira, enfadado da sua lingua, mandou-o moer com saccos de areia no pateo da sua mesma casa, d'onde foi levado á cama em que morreu.

Estevão Annes, a quem, por ser galhardo no trajar, chamaram o Borboleta, acompanhou o condestavel D. Nuno Alvares Pereira em suas arrojadas empresas, e casou com Gracia Martins, filha do doutor Martins Domingues, instituidor do antigo hospital das Congostas, no Porto, e da sua mulher Gracia Esteves, que, depois de viuva, foi religiosa e abbadesa do convento de Villa Nova de Gaya.

Estevão Annes teve o reguengo de Alviella; e sua mulher foi ama de D. Fernando, 2.<sup>o</sup> duque de Bragança. Tiveram tres filhos: João Esteves, almoxarife em Guimarães e instituidor do morgado de Povoa em 1453; Braz Esteves, conego e thesoureiro-mór da collegiada de Guimarães; e Pedro Esteves, que



A ANTIGA INSCRICÃO DO SOLAR

se formou em Salamanca em direito civil e canónico. Este, voltando ao reino, foi cavalleiro do illustre D. Duarte, filho e successor de D. João I, e casou em Barcellos com D. Izabel Pinheiro, cuja illustre ascendencia já conhecemos. Entrou depois ao serviço da casa de Bragança, como ouvidor de suas terras, coudel-mór de Guimarães e vedor das obras do paço e fortaleza de Entre-Douro e Minho.

A necessidade de abreviar o registo das tradições d'esta casa obriga-me a preterir alguns factos interessantes para me referir rapidamente aos barões illustres que a ennobreceram. Martim Gomes Pinheiro, corregedor da côrte e ascendente dos condes de Azambuja, e D. Diogo Pinheiro, dom prior de Guimarães, commendatario dos mosteiros de Carvoeiro, Junqueira e Castro de Avellans, desembargador do paço, prelado de Thomar e bispo de Funchal, foram homens de grande illustração.

Henrique Pinheiro acompanhou o duque de Bragança e esteve na tomada de Azamor em 1513; Alvaro Pinheiro (2.º) recebeu, em remuneração de serviços, a commenda de S. Pedro da Veiga de Silla; Henrique Pinheiro (2.º) falleceu em Alcaçer ao lado d'el-rei D. Sebastião; Henrique Pinheiro (3.º) foi um dos valentes capitães na batalha de

Montijo (1644) onde morreu; e Jorge Pinheiro, que serviu no mar contra os hollandezes, perdida a esperança de victoria, lançou fogo ao seu navio para se não entregar ao inimigo.

Pouco depois, esta casa, usurpada pelo bastardo abbade de Christello, (irmão inteiro da celebre D. Leonor que viveu cerca de noventa annos e nunca chegou a ter dentes), e retida pelo filho Clemente e pelo neto Rodrigo Pinheiro de Lacerda, entrou na decadencia; mas, após renhida demanda intentada por Leonardo Lopes de Azevedo e proseguida por seu filho Pedro Lopes, passou de facto, em 1741, aos Senhores de Azevedo, como legitimos descendentes e representantes dos Pinheiros de Barcellos.

O primeiro Conde de Azevedo doou em 1891 este velho solar a sua sobrinha ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Julia Falcão Pinheiro de Azevedo Bourbon e Menezes, sua actual possuidora, casada com o meu respeitavel amigo e erudito prosador José de Azevedo e Menezes Cardoso Barreto, senhor da illustre e nobre Casa do Vinhal em Villa Nova de Famalicao.

(Clichés do ex.<sup>ma</sup> sr. João San Romão.)

JOSÉ MACHADO.



VISTA GERAL DA CASA SOLARENGA DOS PINHEIROS, EM BARCELLOS

# MUZA D'ENTRUDO



Vialho d'Almeida

(O dia d'um homem de genio)

Lisboa. Actualidade.  
Aposento d'hotel.  
Forrado de papel.

O Mestre dorme com serenidade.

N'isto um despertador retine e chama  
Com phrenesi, com raiva, com clamor.

O Mestre acorda, senta-se na cama  
—E põe o resplendor.

Nos vidros entra a luz deliquiscente  
D'um d'estes dias hibernaes, fallazes,  
Em que faz sol e chuva juntamente.

O Mestre coça-se; irradia gazes;  
Vê-se n'um espelhinho d'algibeira;  
Faz a si proprio uma profunda venia;  
E a seguir, dilata as ventas, cheira...  
—E queina papel da Armenia.

Pega depois no seu grosso canhenho  
De pensamentos, notas e facecias  
E aguçando o lapis e aguçando o engenho  
Poz-se a monologar:

«O diabo tece-as  
«Nada de far em graças de momento!»  
«A lenha per secar dá pouca braza...»  
«Um homem de talento»  
«Faz as piadas com vagar, em casa.»  
«Vá pois, sen Vialho, irrompa-me em candaes.»  
«Abra-me esta ironia em catadupas...»

E as cellulas cer'braes  
Puzeram-se-lhe ás upas.

Desatou a escrever, zumba que zumba,  
E a emendar,  
A entrelinhar.

Mas de repente pára.

«Estou um tumba!»  
«Não me sac uma chispa do miolo.»  
«Scutindo-o tu hoje, aliás, de pedrreira.»  
«Isto e talvez do resplendor»

E põe-

Na mesa de cabeceira.

Reinsistiu. E apoz breves instantes  
Armou uma anecdota de primeira  
Em rythmos sonoros e cantantes.

Vestiu-se rapido, amçou á pressa,  
Entrou o resplendor pela cabeça

E retocando a historia no caminho,  
Desceu a escada e foi para o *Martinho*.

Ali contou-a e agradou. Por isso  
Abalou para o *Suisso*.

Ouviram-na e babaram-se de gozo.  
Rompeu depois para o *Tavar's Cardoso*.

Ninguem! Mas para não perder o fio  
Contou-a a dez pessoas no Rocio.

Seguiu p'rá rua do Oiro e em cavaqueira  
Contou-a no *Ferreira & Oliveira*.

Caminhou novamente de longada  
E disse-a a dois politicos na Arcada.

Subiu com tres paragens o Chiado.  
Foi applaudido lá. Foi incensado.

E então com grande humor, com grande *entrain*.  
Reproduziu-a no *Bertrand*.

Andando, andando por ahí além  
Foi parar com os ossos a Belem.

(Dissera-a no trajecto a quinze anonymos)  
Entrou no monumento dos Jeronymos

E com modos enfatuados  
Disse-a, de campa em campa, aos consagrados.

Vinha um electrico de Riba-mar.  
Trepou. Voltou á Baixa. Foi jantar.

Disse-a cheio de graça e de leveza  
A' sopa e ao assado e á sobre-meza.

Sabiu. E como havia *D. Amelia*,  
Entra na caixa e expelle-a

Ao Rosa, no São Luiz, mais á *Lucilia*.

Alça-se ao quinto andar d'uma familia

E dil-a. Vae até *D. Maria*  
E conta-a, com amor, com alegria.

Quando bem lhe pareceu  
Entrou, para a dizer, no *Colysen*.

A' uma da manhã foi ao *Tavares*  
Comeu um *tourneidos*, bebeu *Collares*,

E disse-a, embandeirada de ficellas,  
Ao pávido leão *Silva Canellas*.

Ao romper da madrugada disse-a  
A um pobre, a um cocheiro, a um policia.

E n'uma obsessão,  
N'um desbarato,  
Disse-a tambem a um cão,  
Disse-a tambem a um gato.

E ainda a repetiu cem vezes mais  
A's nuvens, ás estrellas, aos portaes.

O sol rompeu n'uma eclsoão de gloria  
Iluminando a cupula do ceu.

O Mestre disse ao astro a tal historia  
...E pallido, cansado, — recolheu.

AUGUSTO GIL.



O BAILE INFANTIL EM D. MARIA, REALISADO NA SEGUNDA FEIRA, 11



O ENTRUDO DE 1907 EM LISBOA  
ASPECTOS DAS RUAS NO DOMINGO GORDO





O ENTRUDO DE 1907 EM LISBOA  
ASPECTOS DAS RUAS NO DOMINGO GORDO



O ENTRUDO DE 1907 EM LISBOA  
ASPECTOS DAS RUAS NO DOMINGO GORDO



O ENTRUDO DE 1907 EM LISBOA  
ASPECTOS DAS RUAS EM TERÇA FEIRA GORDA



O ENTRUDO DE 1907 EM LISBOA  
ASPECTOS DAS RUAS EM TERÇA FEIRA GORDA

# A mais importante casa de automoveis em Portugal



## BEAUVALET & C.

Representante de PEUGEOT a mais afamada marca de automoveis  
Praça dos Restauradores, Lisboa



# Sedativo Beirão

ANTI-DYSMENORRHEICO



É o mais adequado e soberano medicamento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrhæa). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dôres reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; náuseas, vomito, diarrhéa, abate a elvação do ventre por accumulção de gases, a turgidez das veias das pernas e das hemorrhoidarias que muito complicam as menstruações irregulares. O **Sedativo Beirão** actua com especialidade sobre o utero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funcções e é muito effcaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do utero. É indispensavel na amenorrhæa accidental ou suspensão súbita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. O **Sedativo Beirão** contém propriedades tónicas, adstringentes e antisepticas, muito effcazes para debellar o fluxo trançcunverso vaginal (leucorrhæa).

O **Sedativo Beirão** é de grande valor therapéutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico destas visceras que, quando invertido, é origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes, diminui a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio de circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e outras molestias que sobreveem pela cessação final dos menstros nesta mudança da vida da mulher. O **Sedativo Beirão** não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

DEPOSITOS AUCTORISADOS: Em Portugal: Pharmacia Liberal—Avenida da Liberdade, 167; Lisboa.—Pharmacia do Padrão—Rua Formosa, 10, Porto.—Inglaterra e co vizias: Mr. J. Wiman—Export Druggist, 58 e 59, Bunkhill Row London, E. C.

O principio e seguetamento das minhas recras mensaas foi sempre annunciado e acompanhado de perturbações que constituam para mim um verdadeiro martyrio e muitas vezes perdia os sentidos.

Foi n'uma d'estas crises que o meu medico assistente, o ex.º sr. dr. Arantes Pereira, me prescreveu o Sedativo Beirão Anti-dysmenorrhæico, cujos effeitos calmantes se não fixaram em vitar.

Tenho repetido o uso d'este agraçavel remedio, uma semana em cada mez, e noto com verdadeira surpresa que as regras apparecem agora regulars e sem dôres.

Nem nos remedios caeteros nem des pharmacias fãncats conseguí um allivio.

Porto, rua de S. Lazaro, 126, em 30 de novembro de 1905.—Escrivia Aurelia Fernand a.

(S. que o reconhecimento é de tabéitiro Antonio Borges d'Avôl e J.)

Traductões pour l'usage en portugais, en espagnol, en français, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hébreu.

Prix de facco: huit fr. n. s. Franco pour tous les pays de l'Union postal, contre mandat de posto adressé à Marciano Beirão, Avenida da Liberdade, 167—Lisbonne.

**AGUA CASTELLO**

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES — FORNECEDORES da CASA REAL

## OS MELHORES CHARUTOS DA ACTUALIDADE

## FUMEM OS CHARUTOS

Republicanos .....	30 réis
Congressistas .....	30 "
Regeneradores .....	30 "
Marianos .....	50 "
Navarrus .....	60 "
Aguião .....	80 "
La Corona de España .....	400 "

A venda em deposito e Tabacarias de

Lisboa, Porto, Coimbra, Braga,  
Bastarm, Castello Branco,  
Guarda, Faro, Evora, Leiria, etc.



UNICO IMPORTADOR  
Alfredo Alves Martins

153, Rua da Palma, 155—LISBOA

O passado, presente e futuro revelado pela  
mais celebre chiromante e physiionomista  
da Europa, Madame Bronillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez e incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, phronomica e physiognomica e pelas applicacoes praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose e d'Arpeigny.

Madame Bronillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Falta portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 10000, 24500 e 54000 reis.

AGUAS MINERAES DO MONTE-BANZO — COLLARES

PEÇAM EM TODA A PARTE



PEÇAM EM TODA A PARTE

PEÇAM EM TODA A PARTE

RUA ARCO DO BANDEIRA, 216, 2.º — LISBOA

AGUAS MINERAES DO MONTE-BANZO COLLARES

## Bicyclettes



A casa «Simplex», a que mais barato vende, acaba de receber de Inglaterra um completo sortimento de bicyclettes e accessorios que se vendem a preços sem competencia. Bicyclettes «Simplex», «B. S. A.» e «Lions». Recorrem-se nova remessa da nova marca de bicyclettes. Impericunionalmente adquirida por esta casa e que lhe haconsegro acollimento tem tido devido ao seu sua elegancia e boa qualidade de fabrico e de todos os accessorios como bem esmalhada e de qual trabaculo que se vendem a preços sem competencia. Grande sortimento de protectores ingleses buzinhas, lanternas, correntes, etc., etc. Já está em distribuiçao o novo catalogo de 1895-1897. De encompra para resvender. J. Castello Branco, rua do Socorro, 45, e rua de Santo António, 21 e 23 — Lisboa.

## NOVO DIAMANTE AMERICANO

RUA DE SANTA JUSTA, 96 — JUNTO AO ELEVADOR

A mais perfeita imitacão até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alianças a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 10000 réis o par. Lindos collares de perolas a 10000 réis. Todas estas joias são de prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa.

Agente em Paris: — Camille Lipman, 26, Rue Vignon